

O USO DA DATILOLOGIA NA TRADUÇÃO DAS PROVAS EM LIBRAS

Resumo

O presente artigo questiona o uso da datilologia, que consiste em um sistema de representação das letras do alfabeto através de configurações de mãos. A datilologia se apresenta como uma representação de palavras das línguas orais (assim como palavras em empréstimos da língua portuguesa), assim precisa ser treinada ela não vem à tradução pronta. O uso da datilologia para representar o alfabeto manual serve pouco aos surdos, principalmente aos que têm pouco conhecimento da língua escrita. Esses indivíduos surdos acabam tendo dificuldades de entender os significados das palavras soletradas. Essa pesquisa busca contribuir com as discussões sobre o tema apresentando relatos de experiência sobre a interação com 03 indivíduos surdos de 03 estados diferentes (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) utilizando o recurso da datilologia. As comunidades surdas do sul do Brasil possuem uma sinalização com grandes variações regionais, no entanto observa-se uma baixa incidência no uso de datilologia, uma alta incidência do uso da datilologia pode ser notado nos estados do Rio de Janeiro e alguns estados do Nordeste. Em todas as variações regionais da LSB percebe-se um uso insuficiente da datilologia que pode ser utilizada como uma ferramenta de melhoria da aprendizagem da língua portuguesa por surdos, o que contribuiria para sua condição bilíngue, mantendo ainda sua língua natural.

Utilizou-se nesse estudo de pesquisas empíricas e bibliográficas e os resultados apresentados parecem indicar uma dificuldade de compreensão de palavras básicas da língua portuguesa pelos surdos informantes da pesquisa o que confirmaria a hipótese da baixa incidência do uso da datilologia.

Palavras chaves: datilologia, palavras, tradutor intérprete, surdos.

Abstract

This article questions the use of dactylology, a system of representation of the alphabet through hand configuration. The dactylology presents itself as a representation of oral

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos Tradução (PGET), UFSC. E-mail: geisielenvalsechi_19@hotmail.com

languages (as Portuguese borrowing) and it has to be trained, it does not come to a translation promptly. The use of dactylology to represent the manual alphabet serves the deaf slightly, especially those who have little knowledge of the written language. These deaf individuals end up having difficulties to understand the meanings of the spelled words. This research seeks to contribute to the discussions on the subject by reporting some experiences by 03 deaf individuals from 03 different states (Paraná, Santa Catarina and Rio Grande do Sul) using the dactylology as a resource in interaction. The deaf communities in southern Brazil sign with large regional variations, with a low incidence of the use of dactylology. A high incidence of the use of dactylology can be noticed in the states of Rio de Janeiro and some Northeastern states. In all regional variations of LSB, it is noticed an insufficient use of dactylology that could benefit the deaf as a tool to improve learning Portuguese and still retaining their natural language, which would contribute to their bilingual condition. Empirical researches and literature references were used in this study and the results seem to indicate a difficulty in understanding basic words in Portuguese by deaf informants of the research, confirming the hypothesis of the low incidence of the use of dactylology.

Keywords: dactylology, words, translator, interpreter, deaf.

Introdução

Esse artigo surgiu a partir da minha percepção enquanto surda e membro da comunidade de surdos brasileiros das experiências que os surdos nas dificuldades de compreensão da datilologia. Esse fator torna-se um agravante para a comunidade quando observamos os surdos que não conseguiram aprovação nos concursos públicos ou vestibulares, por falta de entendimento dos significados das palavras na tradução do português para LSB ou pela dificuldade de entender os conceitos dos significados ou pela tradução/interpretação dos Intérpretes de língua de sinais utilizando as variações regionais diferente da variação alvo. Infelizmente observa-se pouquíssimo uso e compreensão da datilologia. Com isso os surdos vêem seus sonhos profissionais limitados pela dificuldade na realização das provas dos concursos públicos ou vestibulares já que muitos deles não conseguem ser aprovados e acabam perdendo a oportunidade de entrar no mercado de trabalho.

Assim como os surdos não tem apenas uma língua, também não possuem apenas uma única cultura. Uma das marcas da identidade surda é que sua forma de “ouvir” é

realizada através dos olhos, assim sua percepção visual pode ter maior amplitude. Além disso, os surdos utilizam suas mãos para falar. Assim, esta pesquisa tem como objetivo investigar as diferenças da estrutura gramatical da língua de sinais, pois esta língua tem aspectos morfológicos, fonológicos, fonéticos, sintáticos, pragmáticos e semânticos. Já que a escrita da LSB tem diferenciações. A *Wikipédia* apresenta os conceitos da dactilologia (português europeu) ou datilologia (português brasileiro) ou alfabeto manual é um sistema de representação, quer simbólica, quer icônica, das letras dos alfabetos das línguas orais escritas, por meio das mãos. É útil para se entender melhor a comunidade surda, faz parte da sua cultura e surge da necessidade de contato com as pessoas ouvintes. Quando um ouvinte começa a aprender a língua de sinais brasileira (doravante LSB), a primeira coisa a aprender é a datilologia, produzida por formatos das mãos que representam as letras do alfabeto manual, usada para nomes de pessoas, lugares e outras palavras que ainda não possuem sinal:

Quando não existe um sinal para determinado conceito, a datilologia é utilizada para soletrar palavras da língua oral. Nesse caso, diz-se que essas soletrações são empréstimos da língua portuguesa. O alfabeto manual é a mera transposição para o espaço, por meio das mãos, dos grafemas da palavra da língua oral. (Rosa, 2005, p.40).

Realmente na maioria dos estados, nas comunidades surdas é freqüente observar os sinalizantes, com todas as variações regionais existentes, apresentem um uso ínfimo da datilologia. O uso datilologia pode ser observado com maior incidência nas comunidades surdas do estado do Rio de Janeiro e alguns estados de Nordeste, sendo que nos estados do sul pesquisados (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) não observa-se um alto índice no uso da datilologia (também conhecida por digitação) na comunidade surda. No estado do Rio e estados do Nordeste, o uso da datilologia frequentemente aparece condicionado aos movimentos da língua de sinais, sendo soletrado de uma forma mais rápida. Já nos estados do sul essa soletração é mais lenta.

Essa prática acaba tendo efeitos negativos, pois gera a falta de conhecimento das palavras pelos surdos. Isso porque soletração manual acaba ficando palavra irreconhecível que leva ao não conhecimento da palavra e do significado da palavra ou aumento de vocabulário além também de falhas de memorização das palavras. É importante também saber que a língua de sinais não é o alfabeto manual, a datilologia é apenas um recurso dos surdos sinalizadores para representar palavras. Apesar de ter importância considerável na função de interação entre sinalizantes, a datilologia não é uma língua, só usa apenas o código para representar as letras alfabéticas. Pois sabemos a

datilologia na soletração é possível para qualquer surdo que seja alfabetizado e valoriza a condição bilíngue.

É nesse sentido que as crianças surdas, ainda em processo de alfabetização da escrita oral, poderão ter também dificuldade com essa habilidade. Mais uma prova para desconstruir a crença de que a língua de sinais pudesse ser o alfabeto manual/datilologia, afinal, para ser compreendido e realizado o abecedário precisa ser ensinado formalmente (GESSER, 2009, P.33).

Sobre o uso da datilologia no sistema de escrita *SignWriting* pontuamos o problema que envolve a leitura desta escrita. Ainda destacamos ser importante os registros feitos através de usos da datilologia, pois algumas histórias são contadas por surdos idosos, e estas são registros perdidos da cultura surda. As comunidades surdas precisam registrar em vídeos suas histórias, experiências e conquistas, pois estas são responsáveis pela contribuição da formação da identidade surda.

O material, em geral, reconta a experiência das pessoas surdas, no que diz respeito, direta ou indiretamente, à relação entre as pessoas surdas e ouvintes, que são narradas como relações conflituosas, benevolentes, de aceitação ou de opressão do surdo. Livros de literatura que tematizam a experiência de pessoas surdas são escassos. No entanto, as histórias são contadas e circulam na língua de sinais, que repassa, de uma geração para outra, os valores, o orgulho de ser surdo, os feitos dos líderes surdos, as histórias de vida e as dificuldades de participação em uma sociedade que os exclui pela diferença linguística e cultural que possuem. (KARNOPP, 2008, p. 14, 15).

Acredito ser possível fazer um paralelo da representação estabelecida pelo uso da datilologia com aquele estabelecido pelo conceito de signo linguístico definido pelo teórico da linguagem Ferdinand Saussure, ao definir o significante por uma imagem acústica atrelada a um conceito (significado). A datilologia ocupa um papel quando apresenta uma imagem escritas nas mãos que remete a um significado relacionado com o alfabeto da língua oral (utiliza para isso o espaço neutro).

Objetivos de trabalho

Compreender, através de pesquisas empíricas e bibliográficas, as dificuldades vivenciadas pelos surdos nos concursos públicos e ou vestibulares, verificando as questões negativas nas condições ofertadas a eles para participarem das provas traduzidas para LSB. Com isso busco apontar possíveis saídas para ajudar a melhorar as provas dos concursos públicos e os exames de vestibulares para os surdos, buscando atender a perspectiva apresentada na Lei 10.436 e no decreto 5.656. Busco analisar a comunidade surda no uso da datilologia, verificando a hipótese de baixo índice do uso da datilologia nas comunidades surdas do sul. Acredita-se ainda, como desdobramentos

da pesquisa poderemos discutir o uso das variações linguísticas e regionais de acordo com as cidades de onde residem os surdos informantes e como essa variação é influenciada pelos contatos estabelecidos com surdos de outros lugares.

Busca-se com isso descobrir como melhor ajudar aos surdos nas provas de concursos públicos e os exames de vestibulares das Universidades (privada ou pública), possibilitando sua aprovação.

Defende-se a inclusão de provas em Língua Sinais de Brasileira – LSB nos concursos públicos e os vestibulares nas instituições públicas e privadas, com a estrutura necessária. Queremos também comparar os índices de aprovações de surdos em estados onde a incidência do uso da datilologia é maior tentando com isso verificar se há uma influência direta desse fator ou não.

Resumos da metodologia utilizada

Para a realização dessa pesquisa, utilizou-se busca nas referências bibliográficas e na experiência empírica dos surdos, trazendo para o campo de investigação autores que sustentam temáticas relacionadas ao presente desafio, qual seja: quais as possibilidades de diminuir as dificuldades vivenciadas pelos surdos nos usos datilologia nas palavras?

Os principais pesquisadores tomados como referência são os trabalhos de GESSER (2009), ROSA (2005) e KARNOPP (2008), buscando comparar o posicionamento destes autores com a observação de casos nas comunidades surdas de sinalizadores fluentes e seus usos da datilologia e o conhecimento do português (status bilíngüe).

Pude perceber que os fracassos dos 03 surdos entrevistados em provas traduzidas se devem principalmente pela falta de conhecimento das palavras (nível de bilíngüismo). Eles pouco utilizam a datilologia e frequentemente ainda utilizam a estrutura da língua de sinais sem o uso da segunda língua. Sabemos que a primeira língua para o surdo é a língua de sinais, que organiza e direciona sua escrita, porém as variações linguísticas e regionais durante o processo de entendimento, compreensão e da captação cognitiva continuam sendo um dilema que leva ao fracasso nas provas de tradução dos concursos públicos e os exames de vestibulares.

Um dos problemas é as provas de concursos públicos e os exames para os surdos em diferentes comunidades, eles convivem com vários sinais diferentes, de acordo com

a cultura local, devido as suas mudanças históricas, alguns lugares tem mais facilidade de datilologia e outros não, variações regionais e sociais. As possibilidades de uso de sinais diferentes, caracterizando assim como a variação lingüística da LSB. Percebe-se também que as necessidades lingüísticas e cognitivas dos surdos estão aos poucos sendo inseridas no seu cotidiano e através da LSB é possível uma melhor compreensão também da língua portuguesa como segunda língua, principalmente no que tange ao uso da datilologia das palavras. Mas faz-se necessário uma mudança de paradigma.

Andamento

Com a oportunidade de pesquisar os autores GESSER (2009), ROSA (2005) e KARNOPP (2008), e na comparação do posicionamento destes autores sobre casos nas comunidades surdas de sinalizadores fluentes e seu uso da datilologia e o conhecimento do português (status bilíngüe), tem-se percebido as dificuldades causadas por esse fator na comunidade surda. Segundo a pesquisa bibliográfica, os surdos demonstram grande dificuldade de uso de datilologia, que é causada e também leva a falta de aprendizagem das palavras e seus conceitos fazendo com que a maioria deles tenham dificuldades no uso da língua portuguesa. Neste caso da relação do uso da datilologia e do sinal, a maior dificuldade apresentada na Língua Portuguesa é quando o surdo precisa usar o nome dos referentes e também quando há um sinal que eles não entendem o significado e não conseguem expressá-lo também em português. Nesse caso o fracasso está relacionado diretamente ao uso da escrita da língua portuguesa, porque eles necessitam fazer relação com a língua de sinais e acabam escrevendo o português com a estrutura da língua de sinais. Sabemos que para o surdo a língua portuguesa é segunda língua, a primeira é a língua de sinais, que organiza e direciona sua escrita. Esta postura dos surdos revela o sofrimento e discriminação vivenciados na comunidade surda e nas escolas inclusivas.

A realização desta pesquisa bibliográfica oportunizou-me um crescimento tanto pessoal como profissional. Esforçados, verdadeiros intérpretes/tradutores. Outros, nem tanto. Apesar das diferenças todos continuam lá, estimulando ou não, resgatando ou não, porém especiais em suas singularidades. Com esperança de um futuro melhor, sem preconceito e com garantias, não apenas da lei e sim da dignidade da vida. Mas infelizmente ainda não alcançou todos os objetivos como instrumento para garantir a qualidade do conhecimento. Um dos problemas é a falta de preparo dos profissionais de intérpretes e tradutores na LSB que os permitam elaborar o seu próprio conhecimento.

Percebe-se também que as necessidades linguísticas e cognitivas dos surdos estão aos poucos sendo inseridas no seu cotidiano e através da LSB é possível uma melhor compreensão também da língua portuguesa como segunda língua (condição bilíngue). Mas faz-se necessário uma mudança de paradigma, se preparar as diferenças das pessoas surdas, o direito linguístico.

Concluindo, apesar das diferentes variações linguísticas da LSB nas provas de tradução nos concursos públicos e os exames vestibulares com atendimento de intérpretes durante a prova ainda há um constante fracasso dos surdos devido à falta de conhecimento das palavras que são apresentadas na datilologia. Se houver uma melhor atenção nesse aspecto poderão melhorar as condições de inclusão no mercado de trabalho que está cada vez mais realizando concursos públicos assim como muitas Universidades inclusivas estão abrindo as portas para receber os surdos nas provas. Então, minhas preocupações e sugestões são que haja uma melhoria para os surdos nesse aspecto para que eles possam sentir liberdade na realização das provas.

Referencias bibliográficas

GESSER, Audrei. **Libras? Que língua é essa?: Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda.** São Paulo: Parábola, 2009.

KARNOPP, Lodenir. **Disciplina Literatura Surda.** UFSC. Florianópolis, 2008.

ROSA, Andréa da Silva. **Entre a visibilidade da tradução da Língua de Sinais e a invisibilidade da tarefa do intérprete.** Petrópolis: Editora Arara Azul, 2005.